

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XIII

JANEIRO A JUNHO DE 1908

N.º 1 A 6

Uma medalha de Fr. D. Antonio Manoel de Vilhena,
Grão-Mestre português da Ordem de S. João de Jerusalem,
inedita no livro de Furse ¹

Da collecção organizada por José Lamas

Fr. D. Antonio Manoel de Vilhena foi um dos quatro portugueses que occuparam o alto cargo de Grão-Mestre da Ordem de S. João ².

Nasceu em Lisboa no anno de 1663. Era filho dos Condes de Villa Flor, D. Sancho Manoel e D. Anna de Noronha ³.

Entrou muito novo para a Ordem, começando logo no principio da sua carreira militar a dar provas de valor.

Um dos primeiros logares graduados que alcançou foi o de commandante das galés, na esquadra que partiu para a conquista da Mo-reia.

¹ *Mémoires Numismatiques de l'Ordre Souverain de Saint Jean de Jerusalem*, por Edouard Henri Furse.

² Os outros tres foram:

D. Affonso de Portugal, filho illegitimo de D. Affonso Henriques, que foi eleito em Margate. Governou pouco tempo por ter abdicado (1194-1195).

Luis Mendes de Vasconcellos, eleito aos 80 annos de idade. Apenas governou seis meses (1622-1623.)

Fr. D. Manoel Pinto da Fonseca, que exerceu o seu logar com distincção (1741-1773).

³ Vid. *Memórias historicas e genealogicas dos Grandes de Portugal*, por D. Antonio Caetano de Sousa, pp. 623-626.

A pedido de D. Pedro II, foi agraciado pelo Papa Innocencio XII com a Gran-Cruz da referida Ordem, como consta do Breve *Annui-mus perlubenter* de 10 de Outubro de 1694¹.

Depois de attingir os mais altos logares foi por fim eleito Grão-Mestre, em 19 de Junho de 1722, por unanimidade de votos. Os serviços relevantes que havia prestado e o profundo conhecimento que tinha dos negocios da Ordem, determinaram a sua escolha para aquelle alto cargo.

Nos primeiros annos do seu governo foi a ilha de Malta atacada por 10 navios turcos, commandados por Abdi Pachá. Vilhena, depois de os repellir, houve-se com tal diplomacia, que conseguiu fazer com a Turquia um tratado de paz, do qual só resultaram geraes beneficios.

Desembaraçado de tão perigoso inimigo, empregou a sua marinha em proteger os navios mercantes no Mediterraneo, livrando-os assim dos continuos assaltos dos piratas africanos.

Por occasião do casamento de D. José com D. Mariana Victoria, enviou a Portugal o embaixador Fr. Wenceslau, Conde de Harrach, Ballio, Commendador e Commandante das galés, que fez a sua entrada publica em Lisboa no dia 22 de Outubro de 1728².

Junto da cidade de La Valette edificou um bairro — Bairro de Vilhena —, onde se fizeram asylos para velhos dos dois sexos.

¹ Encontrámos, por acaso, este Breve no Archivo da Torre do Tombo (*Breves*, maço 42, n.º 9). Como elle é interessante para a biographia de Vilhena, vamos transcrevê-lo:

«INNOCENTIUS P. P. XII

Carissime in Xpõ fili noster salutem, et Aplicam Benedictionem. — Annui-mus perlubenter filialibus Maiestatis tuae precibus conferendo Dilecto filio equiti Antonio Manoel ordinis Hierosolymitani Magnam Crucem; nihil enim gratius accidere nobis potest opportunitatibus, testatum re ipsa faciendí, quo apud nos in pretio sint officia tua. Venerabilis frater Georgius Archiepiscopus Rhodiensis noster apud Te Nuncius sensus hac de re nostros fusius explicabit Maiestat. tuae, cui laeta cuncta faustaq. à Deo impensè. precamur, ac Aplicam Bened.^{nem} amantissimè impertimur. Data Romae apud stãm Mariam Maiorem sub Annulo Piscatoris die x octobris mxcxiv. Poñtus nostri Anno Quarto, = *Marius Spinulas*.

Nas costas d'este documento está escrito o endereço nestes termos:

«Carissimo in Xpõ filio nostro Petro Portugalie et Algarbior. Regi (III.º?)».

Como informação do seu conteudo tem mais o seguinte: «Breve do Papa Innocencio XII q. principia *Annui-mus perlubenter* pela qual certifica a El Rey D. Pedro II de haver feito Gran Crus da Ordem de Malta a D. Antonio Manoel de Vilhena, por quem o mesmo Rey lhe havia supplicado. Dado em Roma a 10 de outubro de 1694».

² *Elogio funebre e historico de D. João V*, p. 261.

Para defesa do porto de Marsamuscetto e do respectivo lazareto construiu, na margem opposta á cidadella, um importante forte, que tem o seu nome —Manoel—, cujas peças foram offerecidas por D. João V.

Fr. D. Antonio Manoel de Vilhena exerceu o governo da Ordem, brilhantemente, durante 14 annos. Falleceu em 12 de Dezembro de 1736 e foi sepultado, em sumptuoso tumulo de bronze, na cathedral de S. João, em Malta, numa capella do lado da epistola ¹.

Usando dos direitos de soberania inherentes á Ordem, D. Antonio de Vilhena tambem cunhou moedas em seu nome, como haviam feito os seus antecessores. Foi durante o governo d'este Grão-Mestre que o systema monetario de Malta soffreu mudança radical ².

Alguns factos notaveis do governo de Vilhena ficaram commemorados por medalhas, as quaes veem estampadas e descritas a pp. 348-352 do livro de Furse, já citado.

As tres primeiras que alli figuram alludem á construcção do celebre forte; a quarta e ultima refere-se á offerta, que o Papa Bento XIII fez a Vilhena, de uma espada e capacete de ouro para o recompensar dos serviços que este tinha prestado á religião combatendo contra os Turcos.

As duas ultimas, que são bellas medalhas de grande modulo, são as mais conhecidas dos colleccionadores portuguezes, não obstante a sua raridade.

D'ellas se teem feito varias reproducções.

Assim; por exemplo, consta-nos que algumas eram feitas por um pharmaceutico que ha annos estava estabelecido no largo do Metello, em Lisboa, que por curiosidade reproduziu não só estas como outras medalhas.

Na officina de galvanoplastia da Casa da Moeda tambem se reproduziu uma das referidas medalhas, para enviar a uma exposiçào.

A primeira medalha estampada no livro de Furse existe na collecção Real: vid. Aragão, *Histoire du Travail*, n.º 1379.

Não temos conhecimento da existencia em Lisboa de nenhum exemplar da que vem indicada na segunda estampa.

¹ Vid. Joaquim H. da Cunha Rivarã, *De Lisboa a Goa*, etc., p. 12.

² Furse, p. 245.

A terceira figura no livro de Lopes Fernandes, sob o n.º 129, bem como no jornal illustrado *A Arte*, publicado em Lisboa no anno de 1879, acompanhada de um interessante artigo, firmado por Ribeiro de Sousa (pp. 164-166).

A quarta tambem existe na collecção Real (*Histoire du Travail*, n.º 1378), e vem descrita no catalogo da Collecção de Eduardo Carmo, sob o n.º 7.

Não possuímos na nossa collecção nenhuma das quatro medalhas a que acabamos de nos referir.

Temos, porém, outra, referente tambem a Vilhena, a qual, por estar inedita no livro de Furse, convem tornar conhecida. Vid. a estampa junta.

Anv. — Busto de D. Antonio Manoel de Vilhena, com enorme cabelleira, vestido de armadura, voltado á direita; no peito tem uma cruz grande da Ordem de Malta. Leg. F · D · AN · MANOEL — DE VILHENA · M · M ·

O busto tem bastante relevo.

Rev. — Estatua de Vilhena, de pé, collocada sobre um pedestal simples, em cuja base ha quatro degraus. A figura do Grão-Mestre tem grande cabelleira, manto, e traje da epoca. O braço esquerdo está apoiado na cintura, e o direito, em cuja mão segura um rolo de papel, está estendido.

Legenda na orla: GRATI · EQVITIS · — MONVMENTVM · e no exergo: MDCCXXXVI ·

A medalha é levemente contorneada no rebordo. Mede de diametro 82 millimetros e de espessura, 4. As arestas do bordo estão *quebradas*. Está dourada, mas é de cobre. Na parte superior tem um furo. Está bem conservada.

É notavel a incorrecção do desenho do pedestal do monumento.

Por vestigios que nella se observam, parece-nos que é fundida. O som que produz é nitido e forte.

*

No meio da cidadella ou Forte de Manoel foi construida uma estatua de bronze; em honra do Grão-Mestre Vilhena¹; a esse monumento allude, certamente, a presente medalha.

Junqueira, Junho de 1907.

ARTHUR LAMAS.

¹ Vid. *Annales Historiques de l'Ordre Souverain de St. Jean de Jerusalem*, pp. 4-5.



MEDALHA DE FR. D. ANTONIO MANOEL DE VILHENA